Manoel Rodrigues Alves

Cidade(s): novas espacialidades e territorialidades

O objetivo deste texto é o de apresentar elementos e considerações de uma reflexão referente à espacialidade da cidade contemporânea e os processos de transformação de seu território, uma vez que essa cidade requer a revisão de ações e intervenções de suas resultantes espaciais, bem como dos modos de sua compreensão. A cidade e suas novas manifestações, suas espacialidades distintas ou seus padrões diferenciados de expansão territorial, oferecem um conjunto de fragmentações reais e aparentes, crescimentos não-harmônicos, deslocamentos e desdobramentos de centralidades, entre outros elementos ainda pouco conhecidos e explicados. Nesse sentido, o objetivo deste texto é o de apresentar aspectos de uma reflexão referente à espacialidade da cidade contemporânea e os processos de transformação de seu território.

Nesta cidade, em suas novas formas de enunciação cultural da territorialidade urbana, submetida a significativos processos de transformações sociais, culturais e tecnológicos, condicionada por um discurso privativista e pela mensagem niveladora da mídia, observa-se: por um lado, ao mesmo tempo em que se confronta com a tendência totalizante do capital sobre a cultura e com um processo de estetização e privatização crescente de todas as esferas da vida, ela (cidade) reivindica o reconhecimento de uma pluralidade de práticas sociais; por outro, apropriada também por novas interpretações simbólicas, contínuas e ambíguas de sua paisagem demanda a investigação da espacialidade do âmbito público do espaço urbano (que cada vez mais tem se diferenciado de sua noção convencional) e a (re)significação de sua noção clássica: conceito, percepção, imagem e valoração.

Nesse contexto, a cidade contemporânea encontra, nos fenômenos de estetização e espetacularização, um mecanismo poderoso de controle simbólico da produção e da ocupação de suas espacialidades e territorialidades. A cidade como espetáculo é o lugar e o modo de recepção das relações sociais estetizadas da cultura contemporânea. Nela a urbanística cada vez mais se reduz à produção / (re) produção de uma imagem globalizada e homogênea, na qual a experiência da visualidade se consolida como elemento mediador entre paisagem e geografia, entre cidade e território, entre individuo e espaço, tornando-se o meio de reprodução que reduz o sentido dos contextos e das relações do cotidiano à condição de aparências e imaterialidade.

Na problemática da dimensão contemporânea, essa cidade se caracteriza enquanto uma cidade entremeada de elementos textuais e não-textuais, morfológicos e não-morfológicos que interrogam as interpretações, os modos de uso e apropriações da paisagem[1] urbana, acarretando, assim, "novas" possibilidades de configuração do espaço urbano, do espaço da(s) cidade(s).

De certa forma, a cidade atual representa a culminação do processo de desencanto com a modernidade, enquanto processo crítico de conhecimento de uma modernidade

hoje desgastada, caracterizando-se mais pela certeza e arrogância de um "ismo" do que pela interrogação e reflexão crítica da modernidde em si[2].

Na pós-cidade da superabundância observa-se a transformação da paisagem urbana em mercadoria que passa a legitimar um novo sentido de urbanidade que, sob o impacto de políticas neoliberais e de modelos internacionais de propostas urbanas do ambiente urbano global, promove o esvaziamento da esfera pública urbana, respondendo mais a setores do mercado, modismos de formalismos e experimentações estilísticas e códigos da mídia do que a complexa articulação dos usos cotidianos da vida urbana. Em conseqüência, observa-se a transformação da relação público-privado e a promoção da segregação espacial e social em um espaço privatizado fragmentário, fazendo com que a noção de cidade enquanto bem público, lugar do convívio e do conflito, seja hoje questionada por uma outra idéia de urbanidade[3].

No espaço urbano de realidades díspares, a heterogeneidade intrínseca e necessária à sociedade contemporânea cria contigüidades, simultaneamente promovidas e achatadas pela justaposição da coexistência, que avizinham o que é diverso e explicitam outras paisagens materiais e políticas, econômicas e étnicas. Novos elementos e valorizações do meio urbano e de sua paisagem relacionam-se na conformação de novas dimensões, vivências e espacialidades decorrentes de uma nova escala dos entornos vivenciais e de suas infra-estruturas habitáveis, nas quais se constata a superposição de possibilidades e atividades ao seu funcionamento: da experiência da paisagem em contraponto a uma dimensão imagética dilatada, plural, mutante, virtual, midiática.

Essas manifestações, algumas delas inéditas, fazem pensar, em um extremo, no fim da cidade planificável – seja em suas atribuições de civilidade, sociabilidade, governabilidade e gestão – e, em outro, no restabelecimento das entropias e sinergias necessárias aos estados híbridos de situações urbanas, hoje detectáveis de uma cidade concebida tanto como construção coletiva capaz de acomodar distintas possibilidades e significados – um espaço ativado pela ação e imaginação social – quanto como lugar que demanda a resignificação dos conhecimentos e práticas que podem dar origem a novas espacialidades.

Nesse cenário, as tipologias urbanas, os padrões de comportamento social, as normas e práticas de planejamento, assim como as propostas de distinção territorial entre o público e o privado não são mais suficientes[4] para responder adequadamente aos eventos de uma cidade que migra de paradigmas instabilizados para "territorialidades difusas"[5] e indeterminadas.

Em uma cidade emergente, difusa e entremeada em textualidades inéditas, que requerem outras leituras e resignificações, as territorialidades urbanas contemporâneas nos desafiam nas tensões entre domínios, legalidades, usos e práticas urbanas, apontando novas interpretações na relação entre morfologias urbanas, tecidos sociais, comportamentos e construções conceituais, para além dos modelos e marcos teóricos instituídos na arquitetura, no urbanismo e nas ciências sociais.

Nessa cidade, de uma distinta relação entre morfologias urbanas, tecidos sociais, comportamentos e construções conceituais constata-se a necessidade de desenvolvimento de abordagens teóricas inovadoras sobre a relação entre as dimensões socioculturais e as dimensões espaciais do espaço urbano contemporâneo, com a adoção de novas perspectivas técnico-metodológicas que se apóiem em diagnósticos socioespaciais dinâmicos, bem como possibilitem o diálogo entre as formas de urbanidade contemporâneas e suas hibridações na análise de

questões de suas complexidades socioculturais e a constituição de territórios-lugares urbanos.

Esses questionamentos requerem uma melhor compreensão dos significados e sentidos dos conhecimentos e das ações na dimensão territorial urbana, de forma a responder a novas demandas espaciais. Portanto, a investigação de novas espacialidades e territorialidades urbanas enquanto dinâmicas que relacionam transformações sociais e culturais com práticas ancoradas, ou não, no espaço urbano, novas formas de interação, novos modos de segregação e integração.

Aventurar-se pelo urbano, hoje, implica, por um lado, experimentar as várias faces da transformação da noção tradicional de cidade, como entidade e imagem unificada, em um conjunto de situações espaciais e sociais conflitivas e aparentemente desconexas e, por outro, compreender até que ponto a cidade do espetáculo é a cidade transformada, no extremo, em mercadoria na qual o capital cultural tem um papel importante na definição de suas transformações físicas e sociais.

Conflitando com as condições sociais que contribuíram para produzir e reproduzir, a produção do espaço urbano contemporâneo responde mais à necessidade de manter vivo o circuito de produção, circulação e consumo de mercadorias em um mundo altamente mercantilizado do que, primordialmente, responder às necessidades humanas no tempo, no espaço e no cotidiano[6]. No âmbito da cultura do global observa-se, com estratégica absorção das textualidades da cultura do localismo, um urbanismo de processos de especialização econômica e funcional[7], de segregação morfológica dos ambientes urbanos e de tematização da paisagem que não apenas problematiza uma urbanidade sem referências e sem identidade (no limiar do emprego da noção), mas também contrapontos, resistências e conflitos no contexto das cidades.

Se a cultura contemporânea apresenta tanto um sentido unificador e globalizante quanto um sentido fragmentário e de valorização de diferenças, no espaço urbano é crescentemente perceptível uma espacialidade do ócio e do consumo, caracterizada por modelos e padrões similares de intervenção na produção de um meio urbano para ser visitado intensivamente em tempo parcial; um meio urbano, produtor de paisagens aterritoriais, caracterizadas pela espacialização econômica e funcional do território – paisagens que não guardam relação com a geografia cultural local e com a sustentabilidade do tecido urbano; em todos os lugares as paisagens de lugar nenhum, as "cidades ageográficas"[8] de Sorkin.

No contraponto às formas de compreensão e leitura das cidades do presente, entende-se que abordar as problemáticas urbanas de hoje requer novas proposições, formas e parâmetros nas dinâmicas atuais de transformação territorial. Faz-se necessário trabalhar a reflexão quanto a nexos e elementos da conformação urbana – ou seja, aspectos de transformação do meio ambiente urbano[9], de sua paisagem e de processos relativos ao seu contexto e à sua produção.

Complementarmente, os processos de sustentabilidade do ambiente urbano requerem tanto uma reflexão das condições dos universos referenciais, hoje culturalmente instalados, quanto a formulação de argumentos que permitam a análise de situações espaciais concretas condicionadas por dimensões heterodoxas, de natureza múltipla e bastante diversificada da cidade contemporânea.

Diante desse quadro, os enfoques estritamente arquitetônicos seriam, então, redutores dos fenômenos que se constituem como alvos da elaboração empírica e conceitual. Assim, a presença de múltiplos olhares e enfoques se apresenta como uma

necessidade para o pensar da cidade contemporânea, uma vez que, no contexto atual, observa-se um grau de dispersão das ancoragens e dos campos de legitimação da disciplina arquitetônica, mais do que a simples interdisciplinaridade intrínseca aos campos da arquitetura (aqui incluídos o do urbanismo e o da urbanística), que justifica o contato e o intercâmbio com outros campos disciplinares e outras formas de explicação e compreensão para a investigação da(s) espacialidade(s) urbana(s) do presente.

Parece-nos, assim, pertinente que, no estabelecimento de um nexo com o ambiente, investiguemos novas abordagens teóricas sobre a relação entre as dimensões socioculturais e as dimensões físicas, funcionais e ambientais do espaço urbano. Nesse sentido, iniciativas e propostas transdisciplinares apontam para um caminho no que o afloramento de um pensamento conceitual mais múltiplo parece estimular a criatividade e invenção, em oposição a um pensamento vigente calcado em "leis", "normas" e efeitos imagéticos que deixam a desejar no processo de enfrentamento do mundo contemporâneo.

As questões relativas a esses contrapontos entre a cidade como objeto de consumo e a cidade como construção cultural são abundantes na literatura contemporânea; além das dimensões relativas a uma história e a um conjunto de práticas diversas que se inscrevem em seu território e em seu espaço que, por sua vez, compreende permanências e modulações. Mas a questão que se coloca hoje é distinta: como relatar genealogicamente a passagem de uma forma de cidade a outra; de cidade a metrópole, da pós-cidade ao *resort*; como nomear as aglomerações humanas, as urbicuidades de Soja[10].

Em assim sendo, considerando a necessidade de abordagens teóricas inovadoras sobre formas de urbanidade emergentes na contemporaneidade[11], almejando contribuir com uma melhor compreensão dos processos de conformação da cidade contemporânea, no período de 29 de agosto a 01 de setembro, realizou-se, em São Carlos, o SILACC 2010, Simpósio Ibero-Americano Cidade e Cultura "Cidade e Cultura: Novas Espacialidades e Territorialidades Urbanas", disponível em: www.arquitetura.eesc.usp.br/silacc2010.

Tendo como premissa que a cidade é um artefato cultural para ser vivenciado, o Simpósio promoveu o confronto entre construções teóricas que, a partir de estéticas e práticas da urbanidade contemporânea, explicitassem, por exemplo, os fenômenos de territorialização e desterritorialização em relação a seus espaços, cenários e atores urbanos, bem como ampliassem ou confrontassem as concepções clássicas de conformação e configuração do espaço urbano.

Dessa forma, pretendeu iluminar formas emergentes de urbanidade em suas dimensões socioculturais, correlacionando suas especificidades territoriais, ambientais, sociais e públicas, seus processos de transformação e suas permanências, seus elementos estruturantes e suas linhas de força.

Fomentando a produção de conhecimento relativo a processos que impactam a cidade e buscando estabelecer bases para uma cooperação acadêmica mais efetiva que trabalhe problemáticas da cultura e da espacialidade da cidade, suas continuidades e transformações em curso, o SILACC 2010[12] buscou consolidar um espaço de reflexão a partir da diversidade e das transversalidades disciplinares entre distintos campos do conhecimento que não se restringem à arquitetura e ao urbanismo, potencializando interlocuções já existentes ou em construção. Para tanto, o SILACC 2010 se estruturou em três sessões temáticas[13], a saber:

Sessão temática 1:
Espacialidades e territórios híbridos da(na) contemporaneidade

Essa sessão temática discutiu temas que dizem respeito às transformações dos espaços e esferas contemporâneas, rompendo limites, estabelecendo porosidades, mesclando dimensões anteriormente separadas por clivagens mais ou menos nítidas, quer no âmbito conceitual, quer como separações e delimitações espaciais. Desse modo, essa sessão buscou discutir permanências, redefinições ou mesclas conceituais que pudessem problematizar os fenômenos urbanos do presente que, inseridos na tendência contemporânea de criação de espaços e territorialidades distintas, dispersas, dissociadas e fragmentadas no território urbano, requerem outras chaves de leitura e aproximações a partir de diferentes práticas e saberes culturais.

Na contemporaneidade de realidades hibridizadas, as intervencões sobre a cidade contemporânea constituem uma extensa casuística de acertos e desacertos que coexistem com intenções conceituais e operativos para governar a complexidade. Espaços e territórios que não se pode mais classificar como públicos ou privados, como publicizados ou privatizados, que nos colocam os processos híbridos como questão a ser pensada não apenas do ponto de vista de sua produção, mas do ponto de vista de sua recepção e contínua elaboração; espaços e territórios da heterogeneidade social que criam contigüidades. Trata-se de indagar as espacialidades e territorialidades urbanas contemporâneas, observando questões relativas ao espaço público e à condição pública de sua espacialidade, a relação entre arte pública e espaço urbano, a banalização e mercantilização dos espaços urbanos, novas relações entre imaginários sociais, lugares urbanos e impactos da cultura da imagem, dentre outras.

Sessão Temática 2:
Tensões, relações e liminaridades na cidade contemporânea

Consenso e conflito são duas figurações fundamentais das distintas concepções de espaço e esferas públicas, de dimensões da constituição ou destituição das elaborações publicizantes e privatizantes que constituem a gramática clássica da vida urbana, embaralhadas no momento contemporâneo.

Hoje, as dimensões que mesclam o virtual e o real permitem que se considere uma zona de indiferenciação que compromete a existência autônoma de qualquer uma dessas esferas. Por outro lado, cabe também apontar que as porosidades e liminaridades entre legal e ilegal, formal e informal, moderno e contemporâneo, estrangeiros e cidadãos, elementos arcaizantes e modernizantes, populações criminalizadas e sem direitos hibridizaram-se. As dimensões que compõem essas zonas cinzentas, as zonas de indistinção, a impossibilidade de distinguir sujeitos ou atores, natureza e cultura, centros e periferias, culturas autóctones e dimensões midiáticas, territórios que se constituem como liminares. Quais questões são assim colocadas?

Diante do que permanece e do que se rompe, diante de redefinições, deslizamentos e mesclas, algumas dimensões de conflito, poros, novas mediações, novos e velhos usos de práticas e de valores parecem redesenhar as relações espaciais e sociais e seus vínculos, quer com a cidade, quer com o urbano. Quais são os eixos de tensão e de disputa? Quais os atores e suas mediações culturais e políticas? Quais são os fatores que estruturam as relações entre tensões, conflitos, consensos e territórios?

Sessão temática 3:
Produção da cidade e produção da habitação: cidade, cultura e política

Essa sessão teve por objetivo a discussão de aspectos relativos aos cruzamentos e intersecções entre as dimensões e aspectos urbanos, as políticas urbanas e habitacionais e as questões relativas a valores e práticas que se estabelecem nas mediações culturais das formas de uso da cidade e da moradia. Aqui também se pretende detectar e discutir redefinições, permanências e transformações recentes que caracterizam os processos em curso nesses âmbitos de apreensão e reflexão, nas múltiplas dimensões da cidade contemporânea.

É possível identificar algumas pistas que parecem indicar uma transformação nos vínculos entre cidade, processos produtivos, formas de intervenção do Estado e, nessa medida, cidade e regulação, cidade e política, tal como se evidenciam nas cidades, contemporaneamente. Algumas dessas formas dizem respeito a novos atores que se acoplam e/ou agenciam formas de intervenção nas esferas do ambiente urbano. Quais as formas, processos e atores que constituem novas tessituras urbanas e de inserção produtiva? Algumas pistas parecem indicar transformações anteriormente apenas anunciadas que vêm ganhando novo corpo, novas densidades. Assim, talvez seja possível perceber a constituição de novos modos de intervir, de organização e de visualização dos sentidos dessas intervenções.

Partindo desse quadro de elementos, que não esgota o emaranhado de questões e problemas colocados pelas dimensões contemporâneas, contrapostas ou não aos elementos constituídos pelos processos de modernizações e pela caracterização da cidade moderna, o SILACC 2010, investigando a adoção de novas perspectivas técnico-metodológicas que se apóiem em diagnósticos socioespaciais dinâmicos contemporâneos, buscando a identificação e elaboração de marcos conceituais que possam contribuir no desenvolvimento da reflexão e pesquisa sobre o ambiente urbano, e contextualizando as temáticas abordadas no cenário de produção do conhecimento, em torno das múltiplas dimensões que caracterizam a cidade contemporânea como objeto de estudo, objetivou a produção de conhecimentos que dêem conta dos processos e transformações atuais observáveis na relação cultura-cidade coetânea.

Notas

(1) Paisagem essa não mais determinada por uma seqüência cronológica ou linear, uma vez que nela se fazem presentes aspectos da simultaneidade, da circunstancialidade, da atemporalidade e da efemeralidade. Por exemplo, Ignasi Solà-Morales propõe uma abordagem conceitual particular ao tratar a questão da representação da paisagem urbana. Analisando o viés fenomenológico-existencial de Heidegger e Norberg-Schulz, o qual pressupõe um olhar essencial, depurado por uma experiência direta, corpórea, Solà-Morales direciona sua teoria em sentido contrário, defendendo uma teoria do lugar e da paisagem e de sua representação baseada nos meios técnicos disponíveis para a mediação do olhar (SOLÀ-MORALES, I., 2002, p. 115).

(2) Para Augè, a sociedade da metrópole contemporânea, submetida a significativos processos de transformação social e tecnológica de uma realidade multifacetada em uma sociedade multirreferencial, deve ser qualificada como a sociedade da uma supermodernidade caracterizada pela superabundância factual e espacial, associadas à individualização das referências (AUGÈ, M., 1999, p. 42).

(3) Urbanidade aqui relativa à sua dimensão espacial e territorial, entendida como a base sociocultural e de paisagem constituída da e na cidade, em um momento no qual os processos de globalização restituíram as

problemáticas projetuais da cidade e do território, colocando em questão as lógicas internas das cidades e a cultura do localismo.

(4) Isso não quer dizer que se possa dispensar simplesmente essa distinção que, quando pensada a partir das esferas da atividade humana, permite interrogar processos de privatização da vida, de privatização do público ou de publicização do privado que comprometem processos sociais, possibilidades de ação e as possibilidades mesmas da atividade e dos horizontes da política e do mundo comum.

(5) O emprego do termo "difusas", ao invés de dispersas, não é apenas uma escolha lingüística, mas também topológica e formal, por meio da qual se entende que a arquitetura, essencialmente, qualifica uma estrutura urbana, seja pela criação de relações nodais, seja pela recriação de posições centrais.

(6) Como argumenta Jameson, no que identifica como a solução que o capitalismo avançado encontrou para legitimar o processo de privatização da vida social , a nova ordem econômica, social, política e cultural cria um tipo de superficialidade baseada no pastiche (jogos descontextualizados de imagens, presos à reprodução de temas e modelos do passado e de outros lugares, em uma simulação contínua de diferentes formas, imagens e estilos) e na esquizofrenia (que impede a associação direta entre os sentidos do passado, de presente e de futuro, representando uma sociedade de imagens deshistoricizadas) como sua representação espaço-temporal (JAMESON, F., 1991).

(7) Do plano ao projeto urbano, do controle de usos do solo ao controle visual e estetizado da paisagem, a produção do espaço urbano passou a ser pautada por práticas urbanísticas de caráter segmentário e mercadológico – em um processo no qual a administração pública, via de regra, adotou a prática de organização estratégica do mundo empresarial, não como forma de controle e previsão de melhorias na organização socioespacial das cidades, mas como forma de gerenciamento competitivo entre elas.

(8) Conceituação de Michael Sorkin para pseudo-espaços públicos, caracterizados pela dissolução das relações estáveis com a geografia física e cultural própria do lugar, bem como por níveis crescentes de manipulação e vigilância sobre a cidadania (com uma proliferação de novos modos de segregação por meio de métodos tanto tecnológicos quanto físicos) (SORKIN, M., 2001). Por exemplo, *celebration*, exemplo do chamado novo urbanismo americano, sem formas de representação pública ou política, com direitos de *copyright* e gerenciamento totalmente privado, paradigma de cidade enquanto mercadoria pronta para o consumo de alto padrão.

(9) Ambiente urbano que compreende a noção de estrutura urbana, na qual tecido e espaço comparecem; ambiente fenomenológico, uma vez que o conteúdo da vida cotidiana que experenciamos é baseado tanto em fenômenos concretos (seres, espaços e objetos) quanto em intangíveis, uma cidade de luzes e sons que se superpõem ao espaço urbano tangível das edificações e obras civis.

(10) Edward Soja identifica 438 *urbicuidades* concretas, nas quais, segundo ele, viverá a maior parte da população mundial até o final deste século (SOJA, E., 2008, p. 14).

(11) Conforme o entendimento de Agamben, *"A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela [.....]Essa especial relação com o passado tem também um outro aspecto. De fato, a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico dele pode ser contemporâneo. Arcaico significa: próximo da* 'arké'*, isto é, da origem. Mas a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste" (*AGAMBEN, G., 2008, p. 59-69).

(12) O SILACC 2010, evento apoiado pela Capes e pela Fapesp, promovido pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo e o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, coordenado pelo LEAUC, representou a consolidação da construção desse espaço de reflexão e debate, na continuidade das duas primeiras edições do Simpósio, respectivamente: o SILACC 2007 "Cidade e Cultura: Dimensões Contemporâneas", São Carlos, outubro de 2007; o SILACC 2008 "Cidade e Cultura: Reflexões e Projetualidade Hoje", outubro, 2008, Santa Fé, Argentina. De um total de 284 trabalhos encaminhados, 58 foram selecionados para apresentação oral no SILACC 2010. Complementarmente, do SILACC derivou o *workshop* "Cidade e Cultura: Hibridações do Espaço Urbano", realizado na FAUUSP com a participação dos professores Ana Fani Carlos, Carlos Tapia, Carmen Guerra, Cibele Rizek, Edward Soja, Julio Arroyo, Manoel Rodrigues Alves, Mariano Perez e Vera Pallamin.

(13) A temática do SILACC 2010 foi também desenvolvida: nas conferências de Antonio Baptista Coelho (LNEC, Portugal), "Citadinos e Vizinhos: Refazer a Cidade e Reviver a Vizinhança com Habitação de Interesse Social"; Edward Soja (UCLA, Estados Unidos), "A Transição Pós-metropolitana: Da Urbanização Metropolitana à Regional"; Flávio Villaça (FAUUSP, Brasil), "Relação Espaço e Sociedade: O Centro Principal da Cidade de São Paulo"; Henri Acselrad (IPPUR-UFRJ, Brasil), "Apropriações Sociais da Noção de Sustentabilidade Urbana"; e Roberto Fernandez (UBA, Argentina), "Brecha do Desenho. América Latina, Realidades e Projetos"; nas mesas-redondas "Cidade, Cultura e Política: Transversalidades Urbanas" Henri Acselrad (IPPUR-UFRJ) e Vera Pallamin (FAUUSP); "Hibridações no(do) Espaço Público", Carlos Tapia (ETSA-US), Carmen Guerra (ETSA-US), Manoel Rodrigues Alves (EESC-USP) e Mariano Perez (ETSA-US); "Urbano e Cidade: Liminaridades de um Mesmo Território", Ana Fani Carlos (FFLCH-USP) e Cibele Rizek (EESC-USP); e, em *Mostra de Documentários*, com a curadoria de Silvana Olivieri.

Bibliografia

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argus, 2009.

ALVES, M. R. Público y privado: Cultura, consumo y la espacialidad de la ciudad contemporanea. *Polis*. Santa Fé: Ediciones UNL, n. 9, p. 42-52, 2006.

AUGÉ, M. *Não-lugares: Uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus Editora, 1994.

CARLOS, A. F. *O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

CASEY, E. *The fate of place*. Los Angeles: University of California Press, 1998.

DELGADO, M. *El animal público: Hacia una antropologia de los espacios urbanos*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2008.

DETHIER,J.; GUIHEUX, A. (E.). *Visiones urbanas. Europa 1870-1993. La ciudad del artista. La ciudad del arquitecto*. Madri: Electa, 1994.

JAMESON, F. *Modernidade singular: Ensaio sobre a ontologia do presente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

___. *Postmedernsim, or, the cultural logic of late capitalism*. Durham: Duke University Press, 1991.

MUÑOZ, F. *Urbanalización: Paisajes comunes, lugares globales*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2008.

SOJA, E. *Postmetropolis. Estudios críticos sobrelLas ciudades Y las regiones*. Madri: Traficante de Sueños, 2008.

SOLÁ-MORALES, I. (E.) *Territórios*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.

SOLÁ-MORALES, I. (E.) *Metrópolis*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.

SORKIN, M. (E.) *Variations on a theme park: The new american city and the end of public space*. Nova York: Hill and Young, 1992.

Manoel Rodrigues Alves
Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, master of Science in Architecture Studies, School of Architecture, Massachusetts Institute of Technology, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP, professor de Projeto e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP). Pós-doutorado junto do Grupo OUT_Arquias, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Sevilla, coordenador LEAUC – Laboratório de Estudos do Ambiente Urbano Contemporâneo – e organizador de eventos científicos internacionais SILACC: "Simpósio Ibero-Americano Cidade e Cultura" e de seminários nacionais de ensino de graduação.